

Isto é

16/1/1985

ECONOMIA

Esquenta o canavial

Após sete meses de calma, os bóias-frias voltam à greve em defesa do "Acordo de Guariba"

Está rompido o "Acordo de Guariba", que assegurava aos bóias-frias paulistas um piso mínimo diário de 20 mil cruzeiros e um ano de contrato — conquistas feitas em maio do ano passado, depois de um movimento grevista que culminou com o incêndio de canaviais na zona açucareira. Estão novamente em pé de guerra, desde o início da semana, os 200 mil trabalhadores que cortam cana-de-açúcar nas cidades da Alta Mogiana paulista — região responsável por um de cada três litros de álcool produzidos no país. Essa revolta — que já fez uma vítima, o funcionário da Usina São Martinho, de Guariba, Pedro Gregário de Almeida, baleado, na tarde de quarta-feira, por um dos grevistas, Moacir Alves Paulino — foi provocada pelo fato de muitos usineiros não cumprirem o acordo.

A nova onda de greves explodiu, no início do mês, na pequena Guariba, cidade a 360 quilômetros de São Paulo e com apenas 30 mil habitantes, dos quais, 6 mil bóias-frias. Mas na quarta-feira se alastrou às vizinhas Barrinha, São Joaquim da Barra, Jaboticabal e Sertãozinho, chegando, inclusive, aos limites da rica Ribeirão Preto, outrora capital do café. A irritação dos trabalhadores aumentou, ao longo da semana, justamente quando constataram que, desta vez, os usineiros sequer aparecem para iniciar novas negociações. "Estamos parados e não sabemos onde encontrar os patrões para discutir a normalização do trabalho", queixa-se o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetaesp), Roberto Horiguti, 44 anos, a falta de interlocutores não é, contudo, o único problema de Horiguti, que, desde o início das greves, vem tentando servir de mediador entre as correntes sindicalistas no movimento dos bóias-frias. Membro da Conferência Nacional de Classes Trabalhadoras (Conclat), ele busca frear o que qualifica de "excesso" da central sindical rival, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), à qual pertence o presidente do sindicato dos trabalhadores da cana-de-açúcar, o combativo José de Fátima Soares, 28 anos, membro também do Partido dos Trabalhadores (PT).

Conclat e CUT têm um campo ideal de provas na região e disputam ardorosamente a liderança do movimento grevista. A primeira acusa a outra de ter incentivado a deflagração da greve em um momento errado e vem criticando a formação de piquetes que visam impedir, usando a violência física, os bóias-frias que querem trabalhar. O próprio prefeito de Guariba, Evandro Vitorino Filho, 39 anos, do PMDB, cujo diretório local apóia a posição menos intransigente da Conclat e de Horiguti, entrou em campo, na quarta-feira, para pedir aos grupos que formavam os piquetes para não agredir os companheiros que quisessem trabalhar. O prefeito acha que a intransigência parte da instrumentalização que a CUT faz dos desempregados — cerca de quinhentos, em Guariba, dos 6 mil bóias-frias. Ele concorda, assim, com a tese do secretário do Trabalho de São Paulo, o pemedebista Almir Pazzianotto Pinto, que chegou a definir o movimento como uma iniciativa dos desempregados contra os empregados, que, segundo ele, "querem voltar a trabalhar".

José de Fátima contesta sem meias-palavras o prefeito e o secretário do Trabalho: "Ambos", diz ele, "estão, no fundo, a serviço dos usineiros". Horiguti, mais prudente, não chega a tanto, mas também discorda da posição de Vitorino Filho e Pazzianotto Pinto. "A melhor explicação para a explosão das greves", pondera o presidente da Fetaesp, "é mesmo o desrespeito dos usineiros ao acordo do ano passado", acrescentando, em seguida, que a alta inflação e o longo

período da entressafra (que às vezes dura, para os trabalhadores de cana-de-açúcar de São Paulo, de outubro a abril) "levaram os bóias-frias ao desespero".

Mas, ao que parece, indiferentes à tradicional rivalidade entre as duas centrais sindicais, a grande maioria dos bóias-frias que participavam ativamente dos piquetes parecia movida muito mais por um simples impulso de revolta que por militância política. Eles formavam, sem dúvida, grande parte dos grevistas que tentavam impedir desesperadamente, com porretes e pedras, a passagem de caminhões que transportavam os fura-greves. Uma das piqueteiras, a cortadora Helena Aparecida de Oliveira, 22 anos, afirma que não sabe o que significam as siglas Conclat e CUT, mas diz que não abandonará seu posto, na entrada da cidade de Barrinha, até obter o piso mínimo diário e a estabilidade de um ano, que constam do acordo do ano passado. Ela, que corta cana-de-açúcar desde os 10 anos, tem duas filhas e está desempregada. Na última safra recebeu 4.900 cruzeiros por dia na Usina Santa Elisa, o que não foi suficiente para amealhar uma reserva para os seis meses de entressafra: "Minhas filhas", diz ela, emocionada, "começaram a passar fome antes do Natal". O garoto Maurício Alexandrino, 13 anos, cortador desde os 8, continuou recebendo, depois do acordo, apenas 3 mil por dia e agora está desempregado. "Ainda não comi nada hoje", diz, balançando um porrete, num dos piquetes de Barrinha. "Quando a fome aperta, vou à fonte e bebo um pouquinho de água para enganar o estômago." Ele também não sabe o que possam significar Conclat e CUT, mas sabe quem é Tancredo Neves. "Acho que com ele", comenta, "as coisas vão melhorar para a gente". Outro piqueteiro, o mineiro Gesner de Oliveira Batista, 30 anos, não está vinculado a nenhuma central sindical e aderiu à greve para ajudar os demais companheiros, já que não enfrenta maiores dificuldades econômicas, ao conseguir a proeza de ganhar 10 mil cruzeiros por dia, graças às 15 toneladas de cana que corta diariamente — matéria-prima para a fabricação de exatos 1.050 litros de álcool, que é vendido pelos usineiros, segundo dados de outubro passado, a 752 cruzeiros o litro.

Ricardo Lessa, de Guariba

(Páginas 60 e 61)